

° 4 A VOZ DA JUVENTUDE ANO

FUNDADOR: ANTONIO MIRANDA

BANDEIRA DE GLÓRIAS



Em todas as Inauguramos neste número o "agente secreto" ou coisa parecida...
alegrias e lamentações, aliados e opostos, e ainda os neutros. Os aliados causam-nos alegria, tornam-nos firmes, por sabermos não estamos sós; os opostos formam uma barreira, um obstáculo à nossa vitória. Os neutros por sua vez, não nos ajudam a ouvir e a observar os fatos, estas lamentações e alegrias, fazendo sua contribuição própria e definitiva. A situação é bem diversa.

resolutos, por sabermos não estamos sós; os opostos formam uma barreira, um obstáculo à nossa vitória.

neutros por sua vez, não nos ajudam a ouvir e a observar os fatos, estas lamentações e alegrias, fazendo sua contribuição própria e definitiva.

porventura a fonte de tudo foi causada por um agente aliado, este tornou-se adepto; ao contrário, eu reclamo de um inimigo, a situação é bem diversa.

Inauguramos neste número o "agente secreto" ou coisa parecida...
esporte e o humorismo que nos faltava, e se recebermos o apoio necessário dos colégios, inauguraremos o "Noticiário Escolar" que irá prestar um especial serviço de comunicação entre os estudantes desta terra.

O patriotismo é a nossa bandeira, a boa vontade nos acompanha, e semearmos amor por onde formos. Isto é certo! Romam-se os que se opõem às nossas divinas idéias e, não nos causa medo, embora não nos sintamos fortes, resta-nos disposição e honra, o que muita gente desconhece. Nosso ideal não é semear ódio, e sim amor; não é agitar, e sim prevenir; não é implorar, e sim pedir, e tudo o que dissemos foi por nós próprios escrito e, nunca outro

o que possuem

Se nos faltam recursos, resta-nos a honradez, embora precisemos, não nos venderemos para os possuir!

A presente não é uma afronta, é apenas o que o nosso coração sente e, serve indistintamente, não a uma pessoa, mas a muitas criaturas indoutas que criticam a nossa edição passada, e que sabemos que com uma pena na mão, não saberiam escrever o próprio nome, e posto a conversar não passariam de um português bárbaro, mestiço, que não é digno sequer de ser ouvido, quanto mais interpretado. Se não erram nos verbos, vem a glória para completar o limitadíssimo vocabulário e gestos baixos, para dominar o comple-

o que possuem

Repudiam a todo instante aquilo que a instrução não facilita, menosprezam as qualidades dos que os acerta. E por quê? Sômente Deus sabe...

O estudante deve ser consciente de suas aspirações, antes de agir deve ser sensato e meditar, ouvir conselhos e basear seus intuitos no bem ao primeiro, afim de que seja proprietário do que é seu. Vende-se as idéias más e anti-patrióticas, apoiar idéias contrárias às leis nacionais é ser traidor. Deve apenas seguir os bons impulsos, por-se às tarefas das dignas causas, vencerá-las o quanto possa, assim causará bem a si, à pátria, e às gerações futuras!

Antonio Miranda

POEMAS DA ADOLESCÊNCIA

POEMAS DA ADOLESCÊNCIA

Querida Cecília,

no colégio interno (1953/1955), escrevi muitas coisas. escrevia desde 1949, para as revistas infantis, tendo publicado alguns versos e sido premiado (1953) com um livro por um conto irradiado.

segue o trecho de um longo poema sobre o mito das vítimas de Iemanjá, na Lagoa de Abaeté (creio q de 1954). Era um aprendizado do verso, pautado nos modelos ao meu alcance:

(...)“Das moças bonitas como ela.
Conta-se que uma moça bela

Numa noite de cheia lua

Na lagoa foi banhar.

Não acreditava em Iemanjá.

Nos seus feitiços e perigos tantos

Repletos em seus encantos.

Deixando na areia, a roupa sua

**Nas águas escuras pôs-se
a entrar**

Sem nada porém precisar.

Fazendo das mãos uma concha, apanha

Água fria e cristalina, tamanha.

Ela admirou-se, pois dissemos

Ser negra e já conhecemos

Sua fama, seu esplendor

Sua beleza, inspiração ao cantor.

Pôs-se a banhar! O silêncio tão profundo

Dava para se sentir.

Já estava disposta a sair
Quando tragicamente foi ao fundo” (...)

o poema é longo e guardo apenas alguns fragmentos dele. O único verso sem rima é este que termina com “sua” insinuando a virgem nua. o poema fala da vaidade e da inveja da Rainha do Mar – Iemanjá – pela beleza das virgens, exigindo aos seus gênios e vassalos que as matassem e entregassem às nuvens os corpos. os pescadores encontraram somente as vestes da vítima nas dunas da lagoa:

“E seu corpo não mais apareceu
A moça que era bela
Nas águas da lagoa morreu.”

em agosto de 55 – completava 15 anos – dizia, entre outras coisas, para mamãe, em carta: “jamais serei em bom agrônomo, visto que minhas tendências são para as letras”. [Estuda Técnica Agrícola na Escola Ildefonso Simões Lopes, na então Universidade Rural do Rio de Janeiro]. “Eu lhe peço encarecidamente , que tire deste colégio maldito e me envie para qualquer lugar, nunca, jamais pretendo ser um engenheiro-agrônomo. Peço-lhe, rogo-lhe até que me retire daqui, prefiro ser um padre a ser algo será a minha desgraça. Tod o que vem acontecendo comigo eu não sei explicar”. mais adiante: “Faço tragédias em meu pensamento e as confundo com a realidade. A verdade é que choro às vezes por querer, por prazer de sofrer”.

na mesma carta recomendo um embrulho para um amigo – material da campanha do candidato “meio-nazi” Plínio Salgado à presidência da república, avisando que ele viria à região falar “sobre Reforma Agrária”. o candidato me parecia sério e eu estava sempre com quem falava em reformas e o homem usava o slogan “Está na hora de

mudar". Ganhou Juscelino. [Em verdade, soube do Plínio por intermédio da poeta Amélia Tomás que eu havia conhecido em Cantagalo, no Estado do Rio de Janeiro. Ela me oferecera um livro seu de sonetos e me falou da vasta cultura do candidato integralista].

em seguida fugi da escola pela segunda , rumo a São Paulo e Campinas [na época da celebração do 4º Centenário da capital paulista], abandonando definitivamente a escola.

do mesmo ano, trecho de um longo poema sobre um mendigo – Isaac – que amava Cristo. [Eu era amigo íntimo de um poeta batista].

“Eis que derrepente todos se calaram
Jesus e seus apóstolos apontaram
No fundo da estrada a caminhar
Com seu clarão Divino a irradiar.

Tal clarão aos seres emprestava
Uma beleza, um encanto que não tinham.”

a maioria dos poemas da época foram queimados quando fugi do colégio. no mesmo ano publiquei o primeiro exemplar do jornalzinho “A VOZ DA JUVENTUDE” onde, no n.4, de 28 de março de 1956, saiu um soneto de minha autoria:

LUZ (*)

Erétil sobre o solo rochoso e casto
O negro farol sombrio e desprezado.

Já não mais acende, tudo é nefasto
Seu destino é frio, sempre humilhado.

Então tudo mudou, não mais é casto
Aquele rincão de outrora desprezado.
Transformou-se, nas rochas, floresceu o pasto
Outrora sozinho, agora é habitado.

Oh! Aquele asilo, calmo era escondido
Solitário sob o céu estarrecido
Vivendo agora feliz, tudo enfim produz.

É este meu coração dantes esquecido
Que era o farol tão pobre e desprotegido
Que reviveu, e nas trevas nasceu luz!

(* o título do poema era "Luz" mas o tipógrafo encontrou um clichê "À MEIA LUZ" e usou-o como título ou ilustração).

QUEM FOI ISA

Quando eu estudava no Grupo Escolar Rangel Pestana, pela manhã – de 1949 a 1953 – mamãe, para completar o meu tempo livre, colocou-me no Colégio Batista pela tarde, para que eu tivesse melhor base nas matérias primárias. Lá eu conheci Isa. Foi um amor frustrado desde o princípio. Eu a cortejava enquanto ela namorava um amigo meu, mas eu não percebia. Ela alimentava por mim apenas uma admiração "extrafísica". Dançamos juntos no teatro da escola e por ela recitei o poema de Gonçalves Dias "minha terra tem palmeiras" e cantei – berrei! – a valsa "Saudades do Maranhão" para os seus olhos úmidos. Depois não a vi mais. Fui para o colégio interno e ela mudou-se de Nova Iguaçu (onde vivíamos) para o Rio de Janeiro.

Isa de Almeida começou uma longa correspondência comigo, ora pela filial do Clube Juvenil Toddy e depois quando eu fundei a Associação da Juventude Brasileira (1956). Isa de Almeida passou a ser a minha musa inspiradora. O emblema da associação era uma vestal, ou melhor, sacerdotisa Isa do meu longo poema "Azyx, o Paraíso Perdido", escrito no início de 1955.

Do 1 Cap., I:

"Augusta floresta brasileira
Onde aves encantadoras voam e cantam
Onde animais numa carreira
Vão beber das águas que encantam
Seus rios com belas cataratas (...)"

A influência era dos românticos e estilos anteriores – os nativistas literários -, dos ufanistas, exaltadores das belezas da nossa terra. Uma terra imaginária, paradisíaca, dentro da Amazônia:

"II
(...) Um destes rios que vou citar
É desconhecido até agora
Chama-se ele – o belo Car (...)"

Da parte VII:

"A região é pobre de montanhas
- somente tem
Como silhuetas azuis tamanhas
- muito além."

Da Parte VIII:

"O sol quase não se vê

Por fechada a mata ser,
Apenas raios a atravessam
Constituindo o clima assim
Frio, úmido por fim.”

Da Parte IX (As lendas)

“Numerosas são as lendas que cantam
Sobre personagens
Que vivem ou viveram, assim contam
Nestas paragens”.

De XII:

“A lenda da Vitória Régia, li
Era formosa a se rivalizar
Com o lendário jaboti
Que na onça chegou a montar”.

O primeiro capítulo termina colocando o folclore na mão dos “heróis”, os sertanejos. O 2º Cap. continua com a descrição das belezas de Azyx, em várias técnicas, algumas repetidas em forma de estribilho:

“A Natureza
sempre humilde, bela, em festa,
Que beleza
Eram os pássaros na floresta!”

Da Parte I: (Gênese)

“Sobre a Terra uma nuvem passou
E esta nuvem então se transformou
Em chuva” (...)

Como vê, era um poema sobre a majestosidade de uma terra maravilhosa, ciclópica. Voltei a usar as palavras com sentido dúbio,

aqui por ignorância, resultando (como anteriormente) na antítese, ironicamente: (Ainda sobre a chuva).

“ Aquelas terras estavam a se banhar

“E os pingos de chuva a lhes beijar.

E contentes vão

Os riachos cada vez maiores

Dando água às lindas flores,

Que são para nós

Um emblema de amor e carinho

Ornamentação de nosso ninho;

No coração:

Relíquia de um amor sincero

De uma saudade, um fato mero.”

[De onde vinha tais fantasias e discursos? Que é que eu lia naquela época, fechado num mundo tão pequeno de uma cidade periférica, sem biblioteca, sem incentivo em casa, lendo o que me vinha pelos textos escolares ou por empréstimo de amigos...]

III

“A chuva então foi passageira

Já cessou

E a passarada, numa carreira,

revoou.”

Mais adiante, seguindo o rio Car, a gente encontrava Azyx, a cidade Perdida.

VI

“Lá encontraremos a linda Isa
Frágil poetisa
Musa encantada, angelical inspiração.
Bela quão
Iracema, Yara, Iemanjá”.

VII

“Ela intrépida corre à sacada
A contemplar
O arco-íris...”

E ao notar

Os pássaros, alegres trepidando
Resolve contar
Um poema, que foi narrando”.

VIII

“Isa, de sobejo, pura, canta” (...)

O poema tem terríveis contradições, coisa como um “jovem ancião” de 14 anos! Meio autobiográfico... Tem um sonho o jovem Leonardo, “o brasileiro”, figura central do poema:

3º Cap.

I

“Outrora nestas terras viveu
Um aventureiro
Era pequeno e aqui cresceu
O brasileiro.

II

Veio de longe e aqui foi encontrado
A andar
E aqui foi criado

Junto ao Car.

III

Aqui aprendeu nossa língua natal
Aqui viveu
Aqui lutou contra o mal
E sobreviveu.”

O poema era a minha forma de declaração de amor a Isa – eu seria o Leonardo do texto, e imaginava situações que não tivemos na realidade. Talvez, por isso, ela fosse uma deusa, algo impessoal e intocável, impossível para mim, que fazia às vezes de herói para merecer a sua admiração.

Azyx teve seu imperador, seus exércitos, que causava inveja às demais tribos, possuía a classe dos “escravos”, “sempre a trabalhar, assegurando ao império, fortuna e abastança”. Possuía um conselho deliberativo de governo de funcionários, e a religião cultuava o Sol, “Akay”.

XII – Cap., 4

“As terras eram divididas
E entre os agricultores distribuídas
Em partes iguais, onde trabalhavam
E um grande lucro a Azyx davam.”

O interessante é que o poema, que prega em favor do regime imperial, defende os camponeses que recebem o valor de um terço da colheita, “humildemente”.

Em Azyx havia até sacrifícios humanos!

Leonardo era idealista, justo, tanto assim que, certa feita, quando Yoko o convida para assistir a bailarina Azk (tipo Ceilão...), ele confessa, após ver (contemplativamente) as estrelas:

5º Cap. – II

“ **Que me adiante tal ver**

E contemplar um inocente sofrer?”

Por mais que a insistente Yoko, apelando para as belezas da bailarina, Leonardo continuava ensimesmado:

IV

“Que me adianta, Yoko? Fico a pensar

Na campanha que estou a planejar”.

Mas Leonardo não se interessa. Yoko pergunta se a campanha é contra as tradições de sua terra. Ao saber que Azk, “a estrangeira” é brasileira, Leonardo fica emocionado e demonstra entusiasmo...

No circo de pedra, dança Azk, e demais bailarina, para a Lua que nasce, a Deusa Lua:

XVI

“A lua atrás dos montes vem nascendo

E elas caem ao chão...”

[referindo às bailarinas...]

XVII

“Ouve-se um choro de criança, recém-nascida

Pois, a pequena perderá a vida”(...)

A mãe implora ao sacerdote Mas que salve a filhinha, enquanto rutilam os trovões.

XIX

“O clarão do relâmpago faz então
Retratar-se no semblante da formosa
Bailarina Azk e ela cai ao chão,
Nervosamente, trágica e duvidosa”.

XX

“O Max segura um punhal que ao ar
Reluz e se dirige para matar
A inocente criança”...(...)

XXI

“Ouve-se um grito de dor
É sua mãe que falecera
Ao ver tal cena com horror,
Ao contemplar a filha que morrera”.

No 6º Capítulo:

I

“O povo já estava se retirando
Quando Leonardo fala ao amigo:
- Que barbaridade! Estás comigo
Ou com o então sacrificando?”

[Verso final um tanto rebuscado, forçado pela rima...]

E começa aí o pacto reformista, em meio a apresentações e conquistas formais, na base do “vós” confundindo com “tu” que parecem muito nas terminais (“trouxesteis – trouxestes”).

Leonardo se apresenta Azk como sendo maranhense (!!!!), “onde vivia/o poeta, o escritor”. Azk é carioca, embora viva ali há anos, em sua vida tribal, em nome da arte, “vida rude, sempre a dançar”. Azk hipoteca apoio em nome das reformas, em nome de Atuba, poderoso senhor de Sepax, que a enviara para este fim. Azk afirma, convidando o amigo a Sepax, que Atuba considera que “as tradições têm maldição”.

O 7º Capítulo começa de forma curiosa:

I

“Terra de graças, cheia de luz
Terra tão rica onde não reina a cruz”.

Repare, Cecília, presta bem atenção nestas contradições que soam mais como ironia do que como imperfeições. Azk é considerada estrangeira, embora Azyx estivesse edificada em plena selva amazônica:

II

“Manhã tão bela, tão brasileira
Irradiando esta clareira,
Resplandecendo o belo Car
E a catarata Day ao se banhar”.

O 8º Capítulo:

I

“Por aquelas florestas uma caravana seguia
Era a de Azk que ali então se via.

II

O dia para Leonardo era festivo
Além do mais: humano, significativo”.

O poema tem uma mitologia inteira! Primeiro, a descoberta da cidade:

III

“ Eis que de repente, como que um sol a raiar
Via-se no cimo de um monte, a deslumbrar
Sepax, orgulhosa, respeitada, bela e resoluta
Reino das Artes, dos templos de pedra bruta”.

Conta que (por lenda) ali viver Akar e sua esposa, com terras e domínios que se estendiam “muito além do rio Car”, até que Akay, o Bem, derrubou o governo do irmão, sublevando os súditos daquele, reconquistando as terras.

VI

“Akar, ileal, usou de truques desonestos
E n´aqueles campos tristes e funestos
Resistiu ao ataque santo, leal” (...)

Um misto de cristianismo e anticristianismo, de paganismo e antipaganismo...

VII

“Akar mandou sua mulher o receber
Ela sozinha o iria converter
Com seus encantos, sua singeleza.
Iria o Bem lutar contra a Beleza.”

Era Jalu: "fiel e humano", o Bem, quem se empenhava na luta, mas Aly, a esposa de Akara, apaixonou-se por Jalu, associando-se a este na luta contra o marido com "sincero amor", embora Jalu ("nobre"), não a quisesse aceitar, mas ela "com seus encantos o transformou".

Segue:

*"Fugiram para longe, bem distante.
Ao saber da fuga com o amante
Akar dispersou seu reino, então,
Com o firme intuito de a encontrar,
E, Akay enviou um batalhão
Contra Akar, para vencer, para imperar".*

Pela primeira vez, o Bem concubina-se no amor livre para assegurar a vitória de uma revolução! Akar fugiu. Jalu, regressando com a amada, mas sem receber acolhida do novo imperador, por "castigo". Porém... (que delícia de enredo!):

*XI
(...) "Aquele castigo
Era como uma dádiva! Fez da morada
Aquele castelo sombrio e amigo".*

O certo é que Akay foi-se pra sempre e no castelo passou a viver Atuba, o novo mandatário. Não entendo hoje porque era uma dádiva, e quem era o Bem, se Jalu ou Akay! ... Tudo fazia crer que Jalu, com seu amor profano, fosse viver as delícias do anonimato numa cabana do exílio. Triunfou, pois, a parte do Bem mais liberal:

*XII
(...) a gente adora
A memória do casal do amor*

Que, de Sepax, o seu fundador.”

O 9º Capítulo começa descrevendo u’ a manhã purpurosa, em “Azyx, tesouro sem heresia” (assim mesmo, sem h). Azyx, “paraíso da terra”, “refúgio dos amantes”, “das aves canoras”, “Canaã do amor”, mas onde também a superstição dominava, onde o povo “Comete o mal, pensando que o Bem está a cometer” (III), entregando-se às “tradições”, sinônimo de sacrifícios humanos...

Começa a conversão ao Cristianismo!

Em “Chitzen, capital soberba”, “de poder, avareza, luxúria verdadeira”, “Império fictício”, no Laz (palácio governamental) cintila o Yz (medalhão-símbolo do poder), estando o Sahaky furioso querendo acreditar em algo, mas vacilante. Grita:

XIII

“Maldito, maldito aventureiro
Maldito seja o estrangeiro!
Traidor infame, vil, covarde!”

Referindo-se a Leonardo, perguntando as razões daquele luta se ele, pessoalmente, nenhum mal cometera contra o brasileiro, que lhe queria impor um deus exótico, jurando combatê-lo.

No 10º capítulo, o último, Leonardo organiza “cruzadas”. Cinco mil homens “resolvidos a vencer, além de implantar o Deus, também”. A voz de Leonardo soava como a voz de um Deus! Com sua bandeira verde (“como a floresta, com um sol sempre a raiar, a iluminar, o são Pavilhão do Bem, o clamor cristão”. Eu não sei se a bandeira era toda verde (como a de Tiradentes) ou se exibia também um círculo solar (lembrando, simplificando a bandeira do Brasil, terra de Leonardo...).

A mitologia era confusa, algo metamorfoseada, pois Akay, o Sol, surge em Sepax como o Bem mais liberal, voltando a ser apenas o astro-rei após o advento do cristianismo...

Cinco mil homens eram um quarto da população! Um exército de homens, crianças e mulheres, com poucas armas, munições, dispostos a lutar com "tenros corações"... Leonardo clamava ao povo, incitava o direito libertário.

XI

*"Liberdade! Liberdade! Liberdade!
Combatamos a atrocidade
Nosso amor, sem preconceito,
Será apenas o direito".*

"Nada de escravos" (XII), "deuses impiedosos", aconselhando a vinda de um sacerdote, prometendo a destruição dos templos profanos e a construção de uma santa igreja. Interessante verificar as influências da educação religiosa. Lembrava a história da destruição do templo asteca para usar as ruínas na edificação da catedral do México...

O poema termina aí. Não volta a mencionar a sacerdotisa Isa que habitava as ruínas da cidade... Sequer explica porque desapareceu aquela "civilização" após o advento do cristianismo...

Existia um Segundo Caderno que, se foi escrito – honestamente, não me lembro... - certamente era incompleto e está perdido.

Isa, a verdadeira, a que estudou comigo no grupo escolar, casou-se e hoje tem filhos. Escreveu-me carta condenando minhas experiências modernistas, apelando a Deus pelo meu futuro, inclusive pedindo que

eu não mais lhe escrevesse porque o marido podia não gostar da nossa correspondência...